

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 10 — VOL. III.

Sabbado 12 de Março de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — A villa da Certã — A ultima tentativa dos holandezes contra a cidade da Bahia, conclusão — Ems — Esboço sobre a litteratura ingleza, continuação — A villa de Chaves — Dias crepusculares — Uma revolução na India portugueza, continuação — Alva Estrella, continuação — A captiva — Miscelanea — Anecdotas.

GRAVURAS — Brasões d'armas das villas da Certã, e Chaves — Vista dos banhos d'Ems — Cidade de S. Salvador da Bahia de todos os Santos (segunda vista).

Historia da actualidade.

A esquadra hollandeza, que viera ao Tejo, saiu a barra na manhã de quinta-feira.

— Em Tangarez, no mar d'Azoff, acaba de acontecer uma catastrophe. Mais de tres mil habitantes, attrahidos pela temperatura do dia, tinhão ido passear sobre o gelo, quando este repentinamente se desfez, perecendo todos nas ondas.

— Transitaram pelo nosso caminho de ferro de leste desde 22 até 28 do mez passado 6925 individuos. Produziu o transporte de passageiros réis 1:585,6340; e o das mercadorias 232,5750 réis.

— Corre noticia que as tropas austriacas vão evacuar Ancona.

— Em Zefra, na Estremadura hespanhola, inflamou-se uma porção de polvoras, ardoendo immediatamente o edificio onde ella se arrecadava, com mortes e ferimentos de cerca de oitenta pessoas.

— Foi novamente posta a concurso por mais dez dias a adjudicação da empresa do theatro de S. Carlos, nas epochas de 1859 a 1864.

— Saiu este anno na quarta-feira de cinza a procissão que desde 1833 se não fazia. Levava dez andores. O concurso nas ruas era numerosissimo.

— Na segunda-feira houve um esplendido baile no club lisbonense, ao qual assistiram el-rei o senhor D. Fernando, e o senhor infante D. Luiz.

— A academia philharmonica lusitana, a sociedade recreação philharmonica, as academias terpsicorenses, Euterpe, e Thalia tambem deram seus bailes n'este carnaval, e foram muito concorridos.

— Espera-se proximo modificação no ministerio inglez.

— Em Milão, na occasião do funeral do cidadão Emilio Dandolo, houve grande numero de prisões, e visitas domiciliarias. Os presos foram entregues a uma commissão militar.

— Os bailes de mascarar no café concerto, durante os tres dias de carnaval, foram muito concorridos, assim como o do theatro de S. Carlos na terça-feira.

— Falleceu de um ataque apoplectico o senhor Aguiar Ottolini, procurador geral da côroa, e juiz da relação de Lisboa.

— Quinta-feira da semana passada houve um esplendido sarau em casa do senhor ministro d'Austria.

— A Inglaterra vae augmentar este anno a sua marinha com quinze naus a helice, e nove fragatas.

— No orçamento apresentado ás camaras inglezas pediu o respectivo ministro 62482 homens para o serviço maritimo.

— Em Milão, durante os tres dias do carnaval, houve graves desordens, tendo de intervir a força armada, porque o povo apedrejava as carruagens dos que se dirigiam para os bailes de mascarar.

— Descobriu-se um projecto de deserção n'uma batalhão de Parma. Induzidos pelos sargentos, que foram presos, tratavam os soldados de passar-se para o Piemonte.

— Em França tem sido retidos no correio os jornaes alemães, em consequencia da linguagem virulenta que empregam contra o imperio francez.

— O nosso transporte *Martinho de Mello* vae partir brevemente para Macau.

— A corveta *Sagres* entrou no dique.

— Pela barra de Caminha exportaram-se nos primeiros quinze dias de Fevereiro 34870 alqueires de milho.

— Em Villa Nova de Gaia montou-se uma nova fabrica de vidros pelo systema francez.

— Prepara-se a corveta *D. João* para ir render a Goa, na estação da Africa occidental.

— Ha 1692 alumnos matriculados no corrente anno lectivo na facultade de medicina em Madrid.

— O general barão de Hess vae ser nomeado marechal, e em caso de guerra commandará o exercito austriaco da Italia.

— Pavia e outras cidades da Italia estão cheias de tropas, e é continua a remessa de munições para ellas.

— O rendimento das alfandegas de Moçambique e Quilimane, no anno economico de 1857-1858, foi de réis 69:714,6329.

— Em Damão não pôde ter logar a eleição da camara municipal por falta de eleitores.

A villa da Certã.

Na provincia do Alemtejo, sete leguas ao nascente da cidade de Thomar, acha-se a villa da Cer-

tã, assentada em logar plano entre as ribeiras do seu mesmo nome e d'Amioso.

Foi fundada por Sertorio, setenta e quatro annos antes do nascimento de Christo, o qual a denominou *Certago*, edificando-lhe para sua defesa um bom castello. Nas guerras em que este valente capitão se empenhou contra o poder de Roma para sustentar a independencia da Lusitania, a cuja frente se collocara, veiu um exercito romano pôr cerco a Certago. Mal apercebido o seu castello para resistir a tão poderoso inimigo, ia ser tomado no fim de renhido combate, quando uma corajosa matrona, para vingar a morte do esposo, corre á porta do castello no momento em que vinham entrando os primeiros soldados romanos, e arremecendo-lhe ao rosto azeite a ferver, que trazia n'uma certã, suspende-lhes o passo, e dá tempo a que chegue socorro, com que foram repellidos os inimigos, e salva a fortaleza. Em memoria d'este feito heroico tomou a povoação por brasão d'armas, que ainda conserva, um escudo com uma certã, e em volta a letra: «*Certago sternit certagine hostes.*» Com a certã destruiu Certago aos seus inimigos.

Nas invasões dos povos do norte, e depois na dos arabes, padeceu a Certã total ruina. Foi reedificada por el-rei D. Afonso Henriques, que lhe concedeu muitos foros e privilegios para lhe attrahir moradores. Alguns autores attribuem esta reedificação ao conde D. Henrique, e lhe assignam o anno de 1111, o que não é crível por varias razões.

No antigo regimen tinha esta villa voto em côrtes, onde os seus procuradores tomavam assento no banco decimo segundo.

A igreja matriz, unica parochia da villa, é dedicada a S. Pedro, e é um templo de tres naves. A casa da misericordia data do reinado de D. João III; e o hospital, que parece ser de muito mais antiga origem, foi annexado áquella confraria em 1565. Além de varias ermidas ha na villa o edificio do extincto convento de Santo Antonio, que foi de religiosos capuchos, fundado no anno de 1635. Está situado em uma linda posição, no extremo da villa, onde se juntam as duas ribeiras, que a cercam. Dava-lhe ingresso uma formosa alameda de carvalhos seculares, que não sabemos se ainda existem.

O velho castello está quasi inteiramente demolido. Os suburbios da Certã são apraziveis; e produzem cereaes, legumes, fructas, vinho, e azeite. Tem bastante caça, e alguma criação de gado. A villa encerra uns dois mil e setecentos moradores.

I. DE VILHENA BARBOSA.

**A última tentativa dos holandeses
contra a cidade da Bahia.**

Conclusão.

Maurício de Nassau, crendo a cidade mais forte do que realmente estava, não se atrevia a dar-lhe assalto. O seu plano foi rendê-la, ou pelo menos facilitar a victoria, pela fome e por um bem dirigido bombardeamento. Para este fim começou por atacar alguns fortes exteriores, que defendiam a cidade, e a construir outros para a combater, estreitando ao mesmo tempo o cerco, quanto lhe era possível.

O mais feliz successo veio coroar a primeira parte d'este plano. Depois de mais ou menos resistencia quatro fortes bem artilhados se renderam aos holandeses. Quasi em seguida diversas baterias romperam contra a cidade vivissimo fogo, sustentado por tres dias consecutivos sempre com equal vigor.

A consternação e desanimo causados na população por estes acontecimentos foram de tal natureza, que se o inimigo investe logo a cidade, seria senhor d'ella sem grande sacrificio. Os habitantes, assustados pela perda dos quatro fortes, que julgavam essenciaes á defesa da praça; afflictos por ver os viveres escassearem de dia para dia; e aterrados pelos estragos do bombardeamento, sem esperanças na sorte, e sem constancia para soffrer os revezes, só pensavam na entrega da cidade, e já se dispunham para todas as consequencias d'esta catastrophe. O espirito da guarnição não estava muito melhor que o do povo. Se a não dominava o terror, senhoreava-a outro sentimento egualmente fatal aos exercitos, a insubordinação. Uns só obedeciam com muita repugnancia e desconsideração ao governador Pedro da Silva, porque o reputavam muito áquem na sciencia militar do general Bagnuolo, que commandava uma parte da força armada. Outros resistiam abertamente á obediencia d'este ultimo chefe, porque attribuiam a fraqueza a retirada, que elle fez, quando saiu ao encontro do inimigo na sua appareição ante os muros da cidade.

Em taes circumstancias tudo parecia perdido, pois que não pode haver salvação para a causa publica, quando a uns fallece o animo, e a outros falta o accordo! E de certo tudo seria perdido, se não fosse a sublime dedicação de alguns portuguezes, que antepozeram o amor da patria e a honra do pavilhão nacional a todas as idéas de perigo e a todas as considerações de amor proprio.

Sebastião do Souto, á frente de cem homens por elle escolhidos, dá d'improviso sobre o arrayal inimigo com tamanha furia e denodo, que tomados de sobresalto e terror os holandeses os deixaram penetrar até dentro das barracas, e voltar incolumes ás suas trincheiras com despojos e prisioneiros, depois de haverem tirado muitas vidas.

Esta façanha, repetida mais duas vezes pelo mesmo com equal fortuna, e logo imitada por Francisco Rebello, que saindo com sessenta soldados, recolheu-se com muito gado, de que tanto se carecia, e por Francisco Gonçalves, que, apenas com trinta companheiros, fez consideravel destroço nos inimigos, introduzindo viveres na cidade, deu os mais importantes resultados, que se podiam desejar em tão critica situação. Os habitantes da Bahia, entusiasmados com similhante audacia e esforço, foram cobrando animo e esperanças. Os holandeses, atemorizados com estes repetidos exemplos de tão arrojada valentia, e de tão grande felicidade, começaram a esmorecer e fraquejar, addiando o ataque para se auxiliarem com mais reduções e baterias, que iam guarnecendo com os canhões dos navios da esquadra.

Ao passo que estes acontecimentos iam restabelecendo no povo a ordem e a confiança, Pedro da Silva restabeleceu na tropa a disciplina com um acto de heroica abnegação. Vendo a necessidade de se concentrar n'um só general toda a autoridade militar, tanto para a melhor e mais prompta combinação e execução das medidas, como para acabar com todos os conflictos e parcialidades de que resultava uma crescente e ameaçadora insu-

bordinação, resigna em Bagnuolo o commando em chefe da força armada por toda a duração do cerco. Bagnuolo, lisonjeado em extremo com esta escolha, enche-se de bríos e de resolução, e desinvolve a maior actividade na construcção de novas obras de defesa, no reparo das antigas, e na distribuição das tropas.

Os seus parciaes, que tudo esperavam dos seus talentos militares, exultam, contando já com a victoria. Aos adversarios d'este general impõem silencio e fazem entrar na ordem a autoridade e o exemplo de Pedro da Silva. Assim se operou na cidade dentro de pouco tempo uma transformação completa.

No exercito sitiador tambem as coisas iam mudando, mas para peor. Ao desanimo, que lavrava nas suas fileiras, veio a escassez de viveres acrescentar desgosto, privações, e cuidados.

Tal era a situação moral dos dois exercitos, quando Mauricio de Nassau se decidiu a empenhar todas as suas forças n'um ataque geral á cidade, decisivo e desesperado.

No dia 18 de Maio pelas sete horas da tarde avançaram tres mil homens sobre as trincheiras da praça, e principiam um rijo combate. Repellidos porém vigorosamente pelos sitiados, foram obrigados a retirar, antes que a reserva podesse chegar em soccorro.

Era já noite, mas apesar d'isso Mauricio de Nassau, enraivecido por ver que os seus soldados assim tinham abandonado o campo, no momento em que elle ia com a reserva accommetter a cidade por outro lado, reúne todas as suas tropas, proclama-lhes em nome da patria e da honra, promete postos e distincções aos mais valerosos, ameaça com a morte aos covardes, e ordena immediatamente segundo assalto.

D'esta vez o impeto dos holandeses foi terrivel. A cidade esteve quasi entrada. Assenhoreando-se dos fossos, e d'estarte inutilizando a artilharia da praça, combatiam já peito a peito, e onde a peleja era mais renhida, ali se ouvia a voz de Mauricio de Nassau, animando, exaltando, ou intimidando os seus soldados.

Se o ataque era violento e encarniçado, a defesa era obstinada e desesperada. Bagnuolo fazia prodigios de valor, ao mesmo tempo que commandava a acção com acerto, prudencia e energia. Pedro da Silva apparecia pelejando onde o perigo era mais eminente; e o seu exemplo inspirava brío aos menos esforçados. Grande numero de habitantes, armados e reunidos aos corpos de milicias, sustentava a resistencia com o denodo de soldados veteranos. Quando as armas de fogo já não podiam trabalhar, serviam d'armas as pedras, os madeiros incendiados, e as panellas d'agua e azeite ferventes.

Os holandeses fraquejam e recuam diante d'aquella chuva intensa de projectis, e materias inflammadas. Mauricio força-os a avançar de novo, mas elles, descorçoados inteiramente, voltam ao combate mais dispostos a morrer que a vencer.

Os sitiados, animados por estas vantagens, e pelo visivel desalento dos holandeses, aproveitando-se do escuro da noite, e do conhecimento que tinham do terreno, fazem duas sortidas em força, e veem accommetter o inimigo pelos flancos, e pela retaguarda.

Este movimento desconcertou completamente o exercito hollandez, que, fugindo em desordem para o seu acampamento entrincheirado, deixa o chão juncado de cadaveres, e grande numero de prisioneiros em poder dos portuguezes.

As baterias inimigas ainda continuaram a fazer fogo contra a cidade por toda uma semana; porém não se atreveu Mauricio de Nassau a tentar outra vez a sorte das armas. No fim de quarenta dias de cerco, em que as suas tropas foram dizimadas pelo fogo dos combates e pelas molestias originadas dos pantanos visinhos ao arrayal, deu ordem para o embarque de todo o exercito.

Mauricio de Nassau, um dos mais habéis generaes do seu tempo, embarca-se, e faz-se de vela para a Hollanda com toda a esquadra, levando seiscentos feridos, e maior numero de doentes, e tendo perdido perto de tres mil homens, muita artilharia, algumas bandeiras, e grande quantidade de armas e mais petrechos de guerra.

Assim acabou, com tanta gloria para as armas de Portugal, a última tentativa dos holandeses contra a cidade de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Ems.

Uma linda estrada, que costeia o Rheno e conduz em duas horas de Coblenz aos banhos de Ems, offerece no estio, ás cascas que a dominam, animado espectáculo: passageiros de todos os estados e condições, estes montados em soberbos cavallos, aquellos mettidos em elegantes carruagens, outros a pé, transitam sem cessar. Em Ems encontra-se o descanso, a fresquidão, e a sombra; em Coblenz, as distrações, o estrepito, as noticias.

A aldêa d'Ems é residencia verdadeiramente agradável, que não tem outros inconvenientes além do calor no mez d'Agosto, e os nevociros em Maio e Setembro. O costume d'ir ali buscar alivio ás doenças de peito e larynge, e ás nervosas, data apenas de vinte ou trinta annos, ainda que se diz não ter sido desconhecida aos romanos a virtude das suas fontes que são vinte. Tomam-se estas aguas, de sabor alcalino, ou no antigo castello do gräduque, chamado o *Kurhaus*, ou proximo de *Kronchen*. Os banhos tomam-se no *Kurhaus*, na Casa de Pedra, e na hospedaria das Quatro Torres. Uma galeria une o *Kurhaus* ao *Kursaal*, construido em 1839, e que encerra o que constitue um estabelecimento d'este genero — gabinetes de leitura, salas de baile, de refrescos e de jogo. Os passeios nos suburbios são numerosos e encantadores: primeiro um jardim situado entre o pequeno rio Lahn e o *Kurhaus*, uma rua de tilias, depois uma montanha, etc.

A uma hora de caminho, visita-se o castello arruinado da *Sporkenburgo*. Nassau, seus dois castellos e a sua torre gothica, está apenas a uma milha. *Ghrenbreitstein*, *Mayence*, *Francfort*, e *Wiesbaden*, ficam perto. Quem escusa de ir a Ems são os archeologos. A historia não deixou vestigios n'estes lugares, tão solitarios ainda não ha meio seculo. Apenas se cita um Plano de reformas ecclesiasticas assignado em Ems, a 25 d'Agosto de 1786, pelos quatro archebispos de *Mayence*, *Trèves*, *Colonia* e *Salzburgo*, mas que, não tendo sido approved pelo papa, ficou em projecto.

Esboço sobre a litteratura ingleza.

Continuação.

THOMAS HOCCLEVE.

Tem-nos sido escassamente transmittidas noticias biographicas de Hoccleve. E' provavel que nascesse no anno de 1370. E' conhecido pelo vulgo como discipulo de Chaucer. Hitch quer que Hoccleve estudasse direito em *Chester's Inn*, e que fosse pelo espaço de vinte annos escrevente do *Privy Seal*. A primeira asserção é duvidosa; quanto á segunda, não deixa de ter fundamento, pois o poeta o menciona em varias das suas obras. O autor acima citado pretende provar, por fragmentos do poema *De Regime Principum*, que o poeta fora protegido pelo duque *Humphrey de Gloucester*, o que é falso, não existindo passagem alguma que n'elle falle, e sendo o duque ainda menor no tempo em que o poema foi escripto, e portanto sem idade para ser protector.

Introduziu Hoccleve nas suas composições varias anedotas pessoases, e conta a maneira extravagante por que vivera.

As seguintes são as obras consideradas de maior merito, havendo d'elle ainda bastantes imeditas.

De Regime Principum, traduzido de *Oegidius*, subseqüentemente vertida para o hebraico, francez e hespanhol. Não é defeito do nosso tempo procurarem os inháveis dictar leis ao governo. Hoccleve assim o entendeu e praticou; pode-se-lhe applicar o dito d'Apelles — *Nec sutor ultor crepidam*.

The tale of Jonathas and of a wicked woman (Historia de Jonathas e de uma má mulher).—Fable of a certain empress (Fabula de uma certa imperatriz).—A Prologue of nine lessons that are read over all hallowdays (Um prologo das nove lições que se lêem todos os dias santos). — The most profitable and holmesome craft is to cunne (to know) and *lern to dye* (A melhor maneira e a mais vantajosa de aprender a morrer). — Consolation offered by an old man (Consolação offerecida por um velho).—Mercy as defined by Saint Austin (Como a piedade é definida por Santo Austin). — Dialogue to a friend (Dialogo a um amigo). — Ibid, between Oecleve and a beggar (Dialogo entre Oecleve e um pobre). — The letter of Cupid (Carta de Cupido). — Verses to an empty purse (Versos a uma bolsa exhausta).

Hoccleve morreu em 1444.

JONH LYDGEATE.

Nasceu em 1380, e pertenceu á ordem beneditina do convento de Saint Edmund's Bury. Depois de estar por pouco tempo na universidade de Oxford, viajou por França e Italia, voltando com perfeito conhecimento da litteratura de ambos os paizes. Depois abriu um collegio em Londres para educar os filhos dos nobres. Não concordam os autores na data em que morreu, asseverando uns que em 1446, e outros em 1460. Tornou-se popular pela fertilidade da sua vasta. Narrar todas as suas obras é formar um novo catalogo: não havia um divertimento na corte ou entre a plebe, para que não fosse Lydgate encarregado de compôr as canções necessarias.

Concorreu immenso para a reforma da lingua ingleza, seguindo o caminho que Gower, Chaucer e Hoccleve haviam trilhado. É digno de todos os elogios que se lhe tem feito; e julgam muitos a sua versificação superior e mais harmoniosa que a de Chaucer: tão depressa escrevia poemas graves como jocosos. Em curtas palavras descreve um autor moderno este grande homem,—poeta de estylo elegante, rhetorico consciencioso, mathematico perito, philosopho subtil, e theologo toleravel.

As seguintes são as suas principaes obras:

History of the Theban War (Historia da guerra de Thebas) impressa conjuntamente com as obras de Chaucer, 1361, 1602, 1687. — Poematum of good counsel (Poemeta de bom conselho) idem. — The Life of Hector (A vida de Hector) dedicada a Henrique v, impressa em Londres, folio, por Gross, 1594. — Life of the Blessed Virgin (a vida da Virgem Maria) Caxton. — History of the siege Troy (Historia do cerco de Troya). — Proverbs of Lydgate upon the fall of princes (Proverbios de Lydgate sobre a queda dos principes) impresso por Wink, Word, Londres. (Disputa do cavallo, a ovelha e o ganso). Caxton, em quarto. — The temple of Brass (O templo de Cobre) impresso entre as obras de Chaucer.

F. E. PAYANT.

A villa de Chaves.

Deve esta villa a sua origem a uma nascente de aguas sulfureas, que ali se descobriu sob o dominio dos romanos. Afim de as aproveitar para banhos, dizem que o imperador Flavio Vespasiano fundara junto da fonte uma povoação, á qual poz o nome de *Aquae Flaviae*. É fora de duvida, que existia, e assim se chamava no tempo do imperio romano, o que muitas memorias confirmam, tendo-se achado nas suas visinhanças lapidas com inscripções, que a designam com o titulo de *colonia romana*. Quanto ao fundador, esta versão tem por si, além de algumas boas opiniões, esse seu nome primitivo. Com o decurso do tempo se corrompeu aquelle nome em *Aquae Calidae*, Aguas Quentes, ainda em referencia á mesma fonte. Depois tambem este por seu turno se veiu a corromper, por abreviatura, no de *Clavis*; e no reinado de D. Afonso vi de Leão se começou a chamar Chaves.

Foi esta uma das povoações da Lusitania, que os moiros na sua invasão destruíram inteiramente,

te, nos principios do seculo viii. Mas foi tambem uma das que primeiro renasceram, voltando ao poder dos christãos. El-rei D. Afonso iii de Leão mandou-a reconstruir e povoar, cercado-a de muros, no anno de 888.

Os moiros tornaram a esmorecer-se d'ella; porém no anno de 1160, estando já constituída a monarchia portugueza, e reinando el-rei D. Afonso Henriques, foi restaurada por um pequeno punhado de portuguezes capitaneados por Garcia Lopes e Rui Lopes, que, em commemoração d'este feito, acrescentaram aos seus nomes o appellido de Chaves, que transmittiram aos seus descendentes.

El-rei D. Diniz reconstruiu-lhe a cerca de muros, que se achavam muito arruinados. Seu filho D. Afonso iv deu-lhe foral, que el-rei D. Manuel reformou em Julho de 1513. As obras que constituiram a villa de Chaves em uma das praças fortes do reino, e na principal da provincia de Tras-os-Montes, tem sido comprehendidas em diversas epochas, por occasião de guerra com a Hespanha.

Chaves está assentada em uma pouco elevada eminencia sobre a margem direita do rio Tamega, e junto á fronteira, que confina com a Galliza.

Tem uma só parochia, cujo orago é Nossa Senhora da Assumpção; casa é hospital da misericórdia; hospital militar; varias ermidas; o edificio de um extinto convento, intitulado de S. Francisco, que pertenceu aos frades franciscanos; e um convento, que ainda existe habitado, de religiosas capuchas da Conceição. Na capella-mór da igreja do convento de S. Francisco está o primeiro duque de Bragança, D. Afonso, filho legitimado d'el-rei D. João i, em um magnifico tumulo mandado fazer pela duquesa de Bragança D. Catharina, filha do infante D. Duarte, e esposa do duque D. João i. Ainda existe n'esta villa o palacio, onde falleceu o duque D. Afonso, que elle mandara edificar, e em que residiu por diversas vezes.

Sobre o Tamega, que separa a villa dos arrabaldes, está uma ponte de pedra com dezoito arcos, cuja construcção se attribue ao imperador Trajano.

As aguas de caldas nascem em um campo entre as muralhas da fortificação da praça e o rio. N'este sitio havia um edificio de banhos, obra dos romanos, que desgraçadamente foi mandado demolir pelo primeiro conde de Mesquitella, sendo governador das armas d'aquella provincia, com o intuito de desembaraçar o campo em frente da praça.

O doutor Francisco da Fonseca Henriques, que examinou estas caldas, diz no seu *Aquilegio Medicinal*, que são as melhores que ha no reino para certas molestias, que aponta, e que por brevidade omitimos. Passam estas aguas, segundo observações que se tem feito, por grandes depositos de enxofre, caparosa, salitre, e pedra hume. Saem da terra muito quentes.

As margens do Tamega fazem formosos os subúrbios de Chaves. O rio divide os arrabaldes da Magdalena, e das Couraças, que são bastante povoados, da villa, que se acha toda cercada de muralhas. A principal cultura do termo são cereaes e linhos. O rio e as serras proximas fornecem-lhe algum peixe miúdo e caça.

No 1.º de Novembro tem Chaves a sua feira de tres dias, á qual concorre muita gente das terras visinhas e de Galliza.

Chaves tem uma população de tres mil e novecentos habitantes. Apesar de não ser a capital de Tras-os-Montes, é aqui que reside o general commandante da quinta divisão militar, que abrange toda a provincia.

Na antiga organização do paiz gosava esta villa de voto em côrtes, com assento no banco quinto. Tem por brasão d'armas um escudo com cinco chaves de ouro em campo de prata.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Dias crepusculares.

É de certo uma coisa que faz escismar o modo porque se passam esses dias na Noruega.

Capell Brooke dá-nos a respeito d'elles curiosa noticia.

«No fim de Outubro, diz elle, declararam-se furibundos as tempestades do inverno, principalmente do lado Fuglaeas: e em breve, no principio de

Novembro, perdemos de vista o sol que nos enivou de Hammerfost o seu ultimo adeus para não voltar senão no fim de Janeiro.

Desde o principio de Novembro até ao fim do Janeiro, á uma hora da tarde já dentro de casa não havia claridade bastante para ler: na rua, sim, facilmente se conseguia ler um impresso em typo ordinario.

«Tendo-nos chegado noticia de estar para effectuar-se um casamento laponio em Qualsund, partimos immediatamente. Qualsund está situado no centro d'algumas collinas que ainda mais sombrio tornam o recinto: é um logarejo composto da ermida, de tres casas d'alvenaria, duas pertencentes a lavradores, e outra ao *lentsmend*, que é o magistrado, e de perto de duzia e meia de choupanas em que residem algumas familias de Quans. A ermida é de madeira e não tem campanario.

A vespera passou-se, em quanto foi possível, a ver chegar as diversas familias de laponios que deviam assistir á cerimonia. A casa de um dos lavradores em breve se encheu de convidados.

A maneira porque esta gente se comprimenta é, pela sua exquisitesse, digna de menção. Põem as mãos na cintura um do outro, e pronunciam ao mesmo tempo a palavra *pourist*, que é uma suave expressão de amizade. Homens mulheres e raparigas, todos hebiam aguardente mais depressa do que se deita no copo: e é realmente para notar que semelhante excesso não lhes produz o grau de atordoamento que notamos entre nós: mas uma certa exaltação de idéas que torna sobre maneira interessantes as raparigas.

A vespera do casamento passou-se a heber aguardente. No dia seguinte cada qual tratou de preparar-se para assistir á cerimonia.

A noiva appareceu vestida com um *koften* azul de mangas bordadas de encarnado e branco, e por cima um avental de vivissimas e diversas côres: no pescoço trazia uma Romeirinha de rendas negras e encarnadas, e por cima da romeira, um rolo de pelles que lhe escondia o pescoço e onde tambem escondia o rosto quasi até ao nariz. Tinha o cabello atado no alto da cabeça com uma fita encarnada, e devia pôr uma immensa touca de panno branco bordada e enfeitada com laços de fita multicolor.

O noivo não apresentava melhor gosto. Um *koften* azul debruado de encarnado, polainas de lã amarella, e um gorro de pelles de grandes dimensões era o seu vestuario.

A cerimonia das nupcias durou quatro horas, e foi constantemente objecto de profundo respeito e satisfação. Tivemos occasião de notar, durante os quatro dias que passámos em Qualsund, um costume geral em toda a Finmarck: depois do jantar, estabelece-se tal silencio que, se algum pudesse ver, desconfiamos muito que acharia os convivas entregues ao somno. Depois do jantar, passa por prova de pessimo gosto soltar qualquer palavra. Estivemos a ponto de offerecer semelhante prova, se por felicidade um visinho não tomasse a amavel liberdade de nos tapar immediatamente a bocca.

Entre nós, é costume fazer visitas, ir assistir á sobre-mesa, quando ha banquetes, para conversar e rir; lá é o contrario: a visita entra, não comprimenta ninguem, ninguem a recebe; vae, pé ante pé, procurar logar, senta-se e dorme.

Estavamos cercados de somnambulos, cujo numero augmentava de momento a momento. Era impossivel sair; nem mesmo podiamos atravessar a casa sem correr o risco de tropeçar em algum dos respeitaveis laponios.

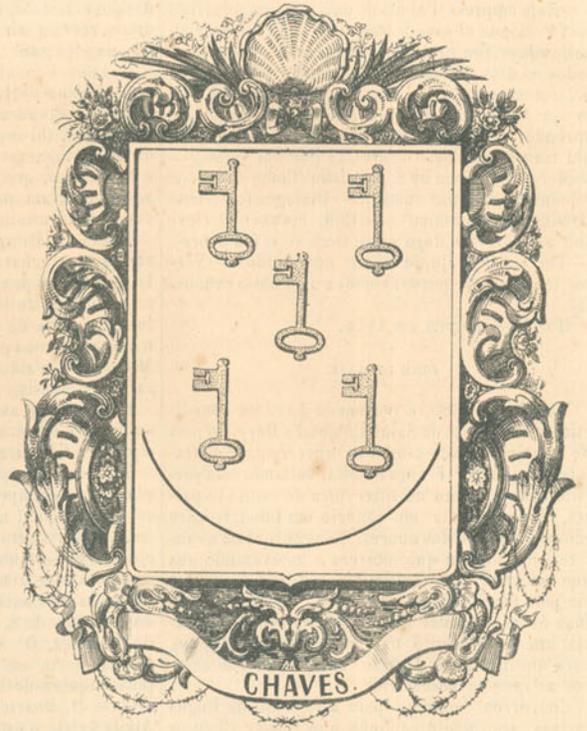
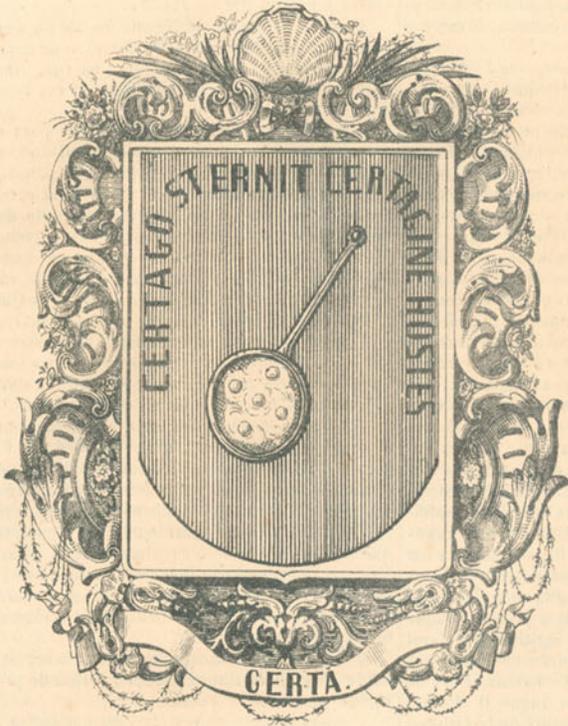
Pareceu-nos que estavamos assistindo a algum festim de mortos, inventado por um poeta phantasmagorico. A nossa situação não podia ser menos aprasivel.

A noiva dormia para um lado; o noivo para outro. Era decididamente a hora do somno; estavamos sem questão em poder de Morpheo.

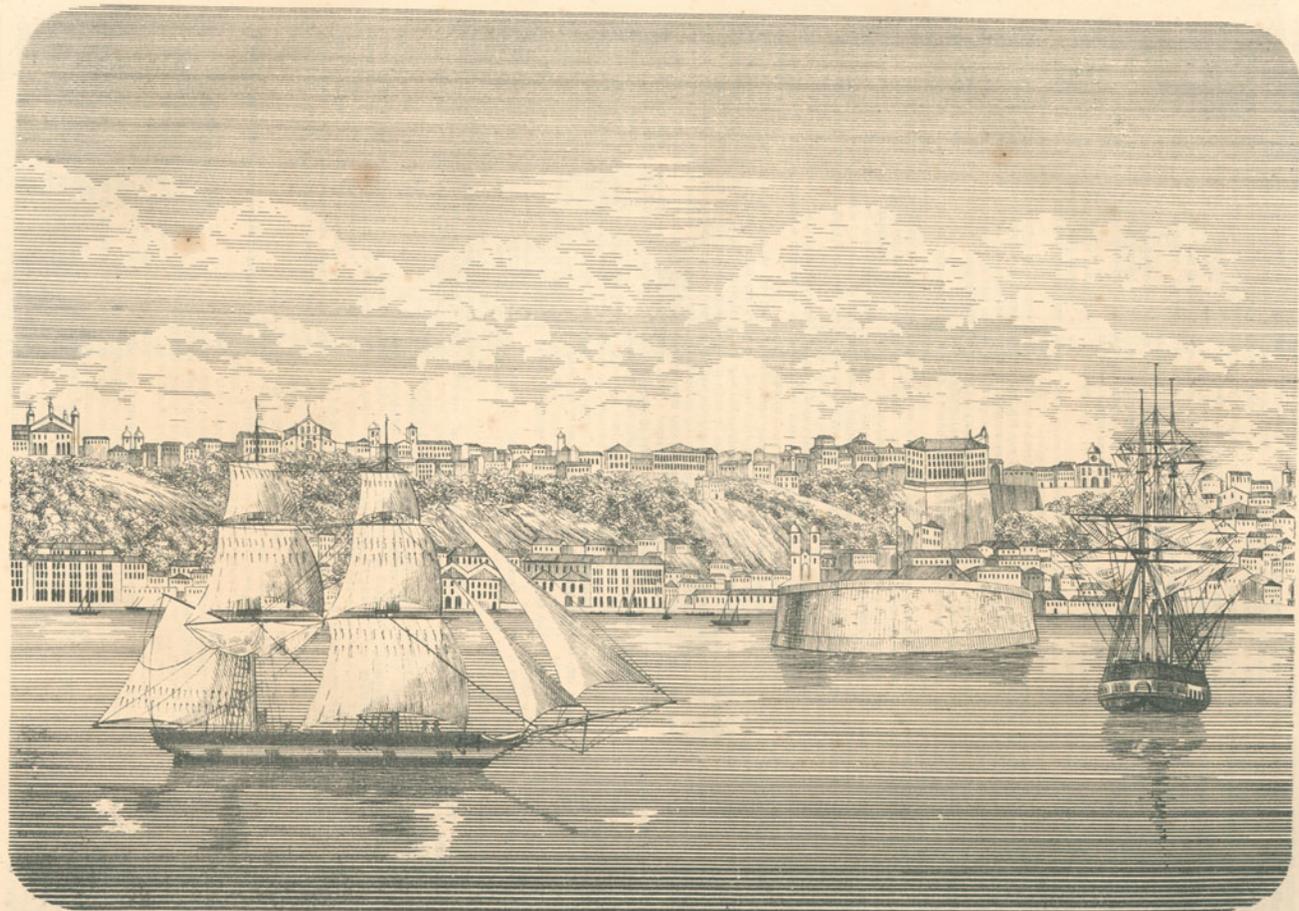
Não podiamos pensar em ler: cheguei-me para uma janella, e, tirando a carteira, principiei a desenhá-lo aspecto interior d'aquella casa cheia de somnambulos.

Pelas cinco horas da tarde, a companhia deu signal de si. Appareceu uma luz e fecharam-se as janellas. Então, tiveram logar o café, as libações, o fumo e os jogos.

Não ha gente de maior innocencia nas suas dis-



Vista dos banhos d'Ems.



Cidade de S. Salvador. Bahia de Todos os Santos. (2ª vista)

tracções. Jogam todos os jogos infantis. Um dos lavradores, por exemplo, propoz que era capaz de caminhar sobre uma das linhas formadas pela junção das taboas do soalho, sem d'ellas arredar pé. Já se sabe, caiu mais de vinte vezes antes de chegar ao termo da projectada jornada.

Outro propoz que era capaz de imitar o latir dos cães: outro o zurrar das vacas; mil extravagancias, emfim, que acabavam em gargalhadas e gritos de applauso ou de reprobção. E assim passou o tempo até ás quatro horas da manhã.

Concluindo diremos que quem vai á Lapónia, é preciso que saiba dormir e que perca o sentido de ver, pelo menos durante dia.

Uma revolução na Índia portugueza.

II

Memoria ou relação das principaes causas que produziram em Goa as revoluções que aconteceram para se estabelecer n'aquella provincia o projecto do regimen-politico de administração, indicado pelas bases da constituição de 1822. Escripção pelo general Marinho, em Lisboa a 5 de Fevereiro de 1853.

PREVENÇÃO.

As revoluções, ou movimentos politicos referidos n'esta memoria não custaram um só real á fazenda publica: ninguem foi offendido nem nos seus interesses, nem nos seus melindres, excepto o conde do Rio Pardo, D. Diogo de Sousa, que foi suspenso das funcções de vice-rei, medida politica, que não se podia deixar de tomar, porque elle se tinha declarado publicamente inimigo das instituições, que sua magestade o senhor D. João VI tinha mandado reconhecer.

O povo ganhou direitos dos quaes jámais tinha gosado, e a liberdade legal necessaria para cuidar dos seus interesses, bem estar, e não temer falta de segurança pessoal.

Se não tirou d'estas vantagens politicas todos os bens, que devia tirar, é porque estava ignorante, e porque se deixou enganar por astuciosos, tão ignorantes como elle; tambem porque não tinha a industria conveniente, nem amor algum ao trabalho, nem a educação precisa para se felicitar com similiaes instituições politicas, concorrendo mais que tudo os governos que succederam porque não tinham a aptidão politica, nem a educação, que taes instituições exigem.

O regimen politico continuou o mesmo, só se deu ao povo mais largueza, e os direitos politicos de uma nação civilisada.

Com estas revoluções não se fez algum mal, não se pisou, nem se feriu ninguem; não houve incommodos, nem despesas: por conseguinte não houve crimes, nem danos a reparar.

A derrubação d'alguem, que se suppunha acima da lei e do throno foi bem compensada com os direitos, que se deram ao povo.

O unico que foi magoado fui eu, sem motivos nem apparentes nem reaes.

O primeiro que me magoou foi o conde do Rio Pardo: o principio da indisposição d'elle para comigo não foi militar, nem politico, nem de moralidade, foi o sermos ambos formados em mathematica, e o elle não se lembrar senão de sommar, e suppor que eu sabia mais.

O segundo que me magoou com mais despotismo, muito menos razões, ou motivos, mais insultos, e muita mais tollice foi a primeira junta provisoria, constituida por influencia minha.

Não me queixo de toda a junta, sinto-me de um só individuo, que fingindo-se meu amigo, e sendo-me obrigado, deveu talvez o seu despacho aos meus esforços e actividade.

Venci todos aquelles meus inimigos: em poucas horas tirei-lhes toda a força, em que elles se confiavam para executarem atrocidades, e destinos; desappareceram-lhes todo o prestigio, e toda a força politica, e ficaram reduzidos ao que eram.

Não os offendi nem levemente: esqueceram-me para sempre; fui para com elles tão generoso, e tão cavalheiro, quanto elles tinham sido para comigo insultantes, e indecentes.

Não houve crime porque o movimento que depoz o conde do Rio Pardo foi depois que chegou a Goa um decreto de sua magestade o senhor D. João VI, impresso no Rio de Janeiro, em que determinava, que todos os portuguezes adherissem ás instituições politicas proclamadas em Portugal.

Por conseguinte o crime estava da parte d'aquellas autoridades, que não queriam obedecer áquelle decreto, e não da parte das autoridades que adheriram.

Os membros das juntas estabelecidas, os arcebispos e bispos, os desembargadores e os bravos militares, que auxiliaram, os quaes todos se apresentaram reconhecendo todos os actos d'este movimento, eram igualmente comprometidos como eu.

Nenhum dos meus collegas do movimento, nem conniventes foram jámais accusados, reprehendidos, ou exprobrados nem pelo governo de sua magestade o senhor D. João VI nem pelo de sua alteza a senhora infanta regente, nem aquelles que ficaram em Portugal pelo governo do senhor infante D. Miguel, por aquelles acontecimentos de Goa.

A prova é o conselheiro Loureiro, um dos homens mais dignos da nação portugueza, que sendo n'aquelle tempo em Goa chanceller da relação, desembargador do paço, e secretario do governo, e tendo sido connivente n'estes movimentos politicos, nunca por taes motivos foi perseguido pelo governo do senhor D. Miguel.

Estes factos demonstram com evidencia, que eu sei dirigir-me com honra e prudencia em crises politicas.

ACONTECIMENTOS CRITICOS PORQUE PASSEI DURANTE O TEMPO QUE SERVI NA INDIA PORTUGUEZA.

Tive com o conde do Rio Pardo, D. Diogo de Sousa, as questões seguintes:

Primeiro acontecimento critico. — Estando o exercito de Goa em campanha, sitiando a praça de Rarim eu commandava as baterias do sitio.

N'aquelle tempo em Goa por uso legal, e immemorial cada regimento em campanha tinha um certo numero de bigarins (acarretadores), porque então não se podia no paiz de Goa fazer as conducções nem com bestas, nem com carros: estes carregadores serviam para conduzir as bagagens, munições, mantimentos, e empregavam-se tambem nos trabalhos de campanha.

O meu regimento d'artilheria pela natureza da arma, pelos trabalhos do sitio e sapage, em que era empregado, tinha mais que os outros regimentos; tinha ou devia ter setecentos bigarins para os quaes todos recebia em dia os respectivos vencimentos; porém realmente de facto não tinha mais de cento e tantos.

Os officiaes tambem teem d'estes bigarins, cada um numero proporcionado á sua patente.

Fallava-se muito no exercito n'este negocio dos bigarins, principalmente nos do regimento d'artilheria, porque era aonde era maior, e fazia mais ciuime; porém eu mesmo por honestidade nunca fallei em tal.

Chega o tempo de vir um pret para os bigarins: o meu brigadeiro commandante do regimento, Hermenegildo da Costa e Campos, que me pareceu que se queria cobrir comigo, deu parte de doente, e eu tomei o commando do regimento: na noite d'esse mesmo dia, das dez para as onze horas da noite appareceu-me o quartel-mestre, o tenente Resurreição com as relações, dizendo-me que as assignasse, e que desse ordem para fazer os pagamentos.

Respondi-lhe: *Os pagamentos não se fazem sem eu passar revista aos bigarins: vá para o seu alojamento, e fallaremos.*

N'essa mesma noite da uma para as duas horas da noite, apresentei-me no barracão dos bigarins, determinei aos encarregados d'elles, que os formassem, e fizessem a chamada; depois mandei relacionar os presentes em relação duplicada.

Depois de contados os presentes que pertenciam ao regimento, não achei mais de cento e tantos, não havendo nenhum destacado: acabado o trabalho das relações, mandei chamar o quartel-mestre, e todos os encarregados dos bigarins; determinei-lhes que fizessem a chamada, e que pagassem a todos os presentes.

Feito este serviço determinei que se recolhessem presos aos seus alojamentos, o quartel-mestre Resurreição, e os chefes encarregados dos bigarins.

Logo dei parte d'este acontecimento ao conde do Rio Pardo, vice-rei, como chefe da junta da fazenda, remetendo-lhe as copias das relações do quartel-mestre Resurreição, e as copias d'aquellas, que tinham servido para os pagamentos.

O conde determinou-me logo que lhe remetesse os originaes, devolvendo-me todas as copias, o que executei immediatamente.

Tambem sem perda de tempo o meu commandante deu-se por prompto: entreguei-lhe o regimento dando-lhe parte do acontecido, ao que não respondeu nada.

Soltou logo todos os presos complicados, e este negocio acabou inteiramente sem resultado de especie alguma: eu consegui o meu unico fim que era não ficar implicado n'este negocio.

Segundo acontecimento critico. — Acabada a campanha, recolhemo-nos para o nosso quartel de Gaspar Dias: então não sei porque o conde do Rio Pardo se indispoz com o tal quartel-mestre Resurreição, e quiz mettel-o em conselho de guerra pelo negocio dos bigarins.

Procurou no seu quartel-general o meu officio sobre este negocio dos bigarins, e as relações originaes; não achou nenhum d'estes papeis; então mandou-me pedir o registo d'aquelle meu officio, e as copias das mesmas relações, que lhe tinha remetido: respondi-lhe que não tinha nenhum dos papeis que me pedia, porque tendo elle tomado inteiramente conta do tal negocio, os tinha inutilisado.

O conde do Rio Pardo não tendo documento algum, não o pôde metter em conselho de guerra: desistiu e não houve resultado algum.

Terceiro acontecimento critico. — Passados estes dois incidentes, que não valeram de nada fui visitar o conde do Rio Pardo: perguntou-me pelo negocio dos bigarins, e sobre uns pequenos boatos, que se diziam d'algumas coisas do meu regimento d'artilheria, que suppunham ter acontecido, e que complicavam o meu commandante, e o tal quartel-mestre.

Respondi-lhe: que sobre os bigarins não podia saber mais do que o que lhe tinha dito no meu officio, mas que este negocio, me tinha passado, e que não estava no caso de o poder circunciar; que sobre as outras accusações não sabia nada, nem as tinha ouvido referir.

E parecendo-me que elle queria instar em tom familiar, pedi-lhe licença e retirei-me.

Não tornei mais ao quartel-general senão nos dias de grande comprimento publico, quando concorriam os mais notaveis empregados, para livramento de taes perguntas, e similiaes collisões.

Quarto acontecimento critico. — Chegou depois a reforma do meu commandante em marechal de campo, porque a tinha pedido, e elle queria ver-se livre de collisões com o conde do Rio Pardo.

Chegou ao mesmo tempo a Goa um brigadeiro de infantaria do Brazil, chamado Brandão, muito da confiança do conde do Rio Pardo; que diziam que tinha sido tambor do regimento de infantaria de Verde, que teve quartel em S. Bento: parecia que isto que se dizia era exactissimo, pela sua absoluta ignorancia, pelas suas maneiras muito grosseiras, e pelo seu espirito e habitos do mais ridiculo tendeiro. Este homem tinha creditos de rico, supposto vivesse indecente e miseravelmente; era um sordido tendeiro, porque desde que tomou o commando do regimento até que morreu o pret do regimento ia-lhe sempre quasi todo inteiro para casa.

Alguem que hoje é general em Portugal disse-me que fosse visitar o conde do Rio Pardo para elle me dar o commando do regimento.

Respondi-lhe: *Não vou, porque não o tendo visitado ha muito tempo, tal visita não se pode julgar nem por amizade, nem por civilidade, mas sim para ver se me dá o commando do regimento: isso não faço eu.*

O conde do Rio Pardo querendo provar por factos que em artilheria tinha os mesmos conhecimentos que o seu amigo brigadeiro-tambor, preferiu esse tambor para lhe entregar um regimento de artilheria a um tenente-coronel do mesmo re-

gimento, formado em mathematica, lente do mesmo regimento, e da academia militar de Goa, do quarto anno de artilheria, que tinha sido lente militar em Portugal, e no Brazil, que tinha todas as habilitações.

Não me offendi nem fiz caso de tal nomeação, porque não me deshonrava, deshonrava sómente quem a fez. Não vivi em amizade com o tal brigadeiro, porque as nossas educações tinham sido mui diferentes: sabia que elle não perdia occasião de me intrigar com o conde do Rio Pardo; despresei sempre essas intrigas, e considerei a sua conducta como mui desprezível: como era mui exacto nas minhas funções, e as sabia cumprir não tinha medo do conde do Rio Pardo; respeitava-o conforme o meu dever.

D'esta desintelligencia entre mim e o brigadeiro nunca resultou nada mais notavel, porque sendo eu lente da academia militar mui facilmente sem compromettimento evitava concorrer com elle, o que parecia elle não desestimava.

Morreu deixando o seu espolio complicado, e constando-me que protectores, protegidos, e amigos lh'o queriam devorar salvei-lh'o cavalheirosamente até com responsabilidade minha, e a sua velha consorte, que á porta dos quartéis tinha frutado muitas sardinhas, ficou gosando d'esse espolio.

Continua. JOSÉ DE TORRES.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA IV.

D. MENDO acordando, e erguendo-se.

D. MENDO — Que é isto? Cão de mim! que me deixei dormir a somno solto!... Pois não é que fosse macio o catre... Que horas me deixaria aqui ficar?... E diziam-me que bastava esperar um instante para ver Bertha!... Passaram tempos e tempos... Nem eu sei... Foi imprudencia metter-me assim no alcaçar e deixar-me adormecer... Mas se eu já estava caindo!... Como heide sair agora?... Não me tomem aqui dentro os de casa!... Se aquella velha fez tudo tão facil... Grandes facilidades dão moribitinos e libras de prata... Imprudencia foi... Temo... Não temo por mim... temo por ella, a pobre innocente, que se isto souhessem os soberbos matavam-na de certo... Fiz mal... Aquella esperanza com que entrei era criminosa... Turbar-lhe eu o socego, arriscal-a eu, que a amo tanto e tanto!... Este dormir pesado foi um aviso do ceo... Que descance a orphã... E' uma paixão louca esta... Fugirei d'ella para sempre... Felizmente não se arreceiam no alcaçar, nem de arrancadas de moiros, nem de assaltos de contrarios... Dormem todos, esculcas e atalaias... como eu dormia ali!... E Archibaldo? coitado! Desde a meia noite á espera... Buscarei sair sem que façam reparo... A minha santa velha... onde estará ella?... a minha santa velha me ajudará. *(vae a sair; suspende-se)* Ouço fallas... e são de dama. Serão de Bertha?... Oh! Senhor Deus, que tentação!

SCENA V.

ALVA, D. SISNANDO, D. MENDO.

D. MENDO — O Oblato! que vejo?
 SISNANDO — Um estranho... D. Mendo!... Alva, que quer este homem aqui?
 ALVA — A que vindes?... ai! a que vindes vós, senhor?
 D. MENDO — Sois de casa, porventura, D. cavalheiro?... A que vim?... Talvez ao que vós mesmo viestes.
 SISNANDO — Ouves este homem, Alva?... Não sae d'aqui vivo. *(leva a mão á espada)*.
 D. MENDO — Ameaças? Veremos. *(o mesmo)*.
 ALVA — Ah! Sisnando, Sisnando, que me per-

des! que te perdes!... Ouviram-nos... ouço já rumor... veem por aqui... foge, foge Sisnando...

SISNANDO — Fugir!... Perdoo-te, mulher, que tu não sabes o que quer dizer fugir... Arredae d'ahi.

ALVA — Oh! Sisnando, meu Sisnando! *(desesperada)* Estes homens são crueis... Por mim, por ti, por Bertha...

D. MENDO *(á parte)* — Por Bertha! *(embainha a espada)* Não lidarei agora convosco, senhor cavalheiro.

SISNANDO *(furioso)* — Eu vos forcarei a...

D. MENDO — A tudo .. menos a sacrificar esta dama... ou seja quem fór... a cegos furores.

ALVA — Deus vol-o pague! Vae, vae, Sisnando, que nos matam a todos de certo.

SISNANDO — Quando eu aqui enviei o meu escudeiro, determinastes vós o mesmo ao vosso. Dar-me-heis razão em d'aqui saindo?

D. MENDO — Dar-vol-a-hei quando quizerdes!

SISNANDO — E juraes segredo de tudo o que ora ouvistes?... E' segredo de que depende a vida d'esta dama.

D. MENDO *(batendo na cruz da espada)* — Por esta!

CASTINALDO *(dentro)* — O rumor é no quarto de minha irmã!

Vozes *(dentro)* — Gente!... Homens! homens no quarto de D. Alva!

ALVA — Ouvis, ouvistes?... Nem mais um instante, Sisnando.

SISNANDO — Que venham!

ALVA — E eu!... *(ao ouvido)* E tua filha! *(Sisnando hesita: rompe depois direito á janella)*

SISNANDO — Mais este sacrificio, Alva. *(a D. Mendo)* Ali vos espero! *(Alva segue-o; vê-o descer, e volta a D. Mendo)*.

D. MENDO — Desculpae-me, senhora, se...

ALVA — Não é tempo agora para explicações... Por Deus, por Deus, sai tambem. *(vae a sair D. Mendo; sente-se estalar dentro uma porta; ouve-se o tropel dos serviçaes)*.

ALVA *(embrado)* — Viram-me!... Bertha, Bertha, Jesus!... *(foge a esconder-se no aposento. D. Mendo leva da espada, e colloca-se-lhe á porta)*.

SCENA VI.

D. MENDO, CASTINALDO, depois SERVIÇAES.

SERVIÇAES *(fóra em tumulto)* — Morra, morra o infame!... Por sua vilita morra!...

D. MENDO — Venham embora!

CASTINALDO *(arrojando-se a elle de espada feita)* — Eras tu, D. Mendo, eras tu?

D. MENDO *(esqueitando o golpe, deixa pender no braço pela corrente de ferro a espada; trava-se peito a peito com Castinaldo. lucta um momento, leva-o debaixo, desarma-o, e arremeça-lhe para longe o ferro que lhe tira)* — As mãos calosas, Castinaldo, nem sempre são as mais robustas!

CASTINALDO — Maldito!

D. BRITALDO *(fóra)* — Minha filha, minha filha!

CASTINALDO *(indo a elle)* — Não entreis, meu pae, não entreis.

D. BRITALDO *(fóra)* — Alva, Alva? Onde está Alva? *(entra á frente da multidão dos homens d'armas do alcaçar)*.

D. MENDO *(com a ponta da espada no chão, á porta dos aposentos)* — Entregue á defensão da minha espada.

SCENA VII.

OS MESMOS, D. BRITALDO.

D. BRITALDO *(tremulo de raiva)* — Á tua... á tua defensão!... Dae cá. *(toma a espada das mãos do alferes)* Morrerás como ella, primeiro do que ella

D. MENDO *(deitando a sua espada aos pés de D. Britaldo)* — Como vos aprouver, senhor!

D. BRITALDO — Defende-te!

D. MENDO — Á fé que não!... Sois meu juiz, *(ajoelha)* podeis matar-me!

D. BRITALDO *(ergue a espada, e abaixa-a depois lentamente)* — D. Mendo... porque te não hasde tu defender?

CASTINALDO — Que morra, que morra o vil!

D. MENDO *(ainda de joelhos, indifferente)* — Apa-

nhae a vossa espada, Castinaldo! Por que está ella no chão?

CASTINALDO *(raivando, e indo sobre elle)* — Caro pagarás a arrogancia!

D. BRITALDO *(detendo-o)* — Isso é indigno, filho... Elle não deve morrer, nem da minha mão, nem da tua. *(aos escudeiros)* Que me fechem as portas do alcaçar... *(com dolorosa magestade)* Que não saia ninguém... Que me convoquem já aqui todos os de Riba-Côa... Quando na cidade constar o insulto, quero que para logo conste o castigo.

CASTINALDO — Que pretendeis fazer, senhor pae?

D. BRITALDO — Hade morrer, Castinaldo, des-cansa que hade morrer!... Mas hade ser quando eu souber toda a verdade, e talvez não seja elle só o culpado.

CASTINALDO — Que morra ella tambem, senhor pae... para que não fique eterna a vilita ao nosso nome.

D. BRITALDO — Hade ser feita justiça, Castinaldo, justiça inflexivel, se fór necessario. *(á turba)* Sai... *(saem todos)*.

SCENA VIII.

D. MENDO, D. BRITALDO, CASTINALDO.

D. BRITALDO — Como é isto, D. Mendo? Pedieis-me hontem a mão da minha Bertha, e aqui vos acham hoje com Alva! Como é isto? D. Mendo, não contente de ser leviano e devasso, fez-se traicoeiro e falsario!... Depois de alçar olhos impuros para a orphã desamparada, filha adoptiva do meu affecto, ousa vir n'uma noite de desvario macular de um golpe cinco seculos de honrada gloria! E a este sangue, ao sangue de Riba-Côa, ao meu proprio sangue, que se elle atreve... Que merece isto, D. Mendo?...

D. MENDO — A morte, se me não ouvirdes... O perdão, se me escutardes.

CASTINALDO — Perdão?... Perdoar!... Antes...

D. BRITALDO — Deixae-nos, Castinaldo.

CASTINALDO — Pois quereis?...

D. BRITALDO — Quero ser senhor em meu alcaçar... ouvistes? *(Castinaldo obedece a custo e sae vagarosamente)*.

Continua.

A Captiva.

IMITADO.

..... captive, enchaîné,
 Je traîne dans les pleurs ma vie infortunée.
 COLARDEAU — VERSÃO D'HELOISE E ABEILARD.

P'la foíce do ceifeiro respeitado,
 Em prodiga seara,
 Loira e formosa a espiga amadurece;
 Risonho e fresco o pampano,
 Risonho qual manhá de primavera,
 Os mil orvalhos bebe,
 Que no estio as auroras lhe gotejam!
 E eu bella qual a espiga,
 Formosa, sem á aurora ter inveja,
 Heide assim na tristeza
 Curvada á dura sorte esta existencia
 Ir lenta definhando?...

Embora impavido caminhe á morte,
 O estoico a olho enxuto;
 Eu choro, prantos verto! A esp'rança tenho,
 E a fé dentro do peito!
 Ao rispido tufão da desventura,
 Que as illusões desfolha,
 A fronte curvo, p'ra depois erguel-a!
 Dias ha na existencia
 De viva magoa, dóres bem pungentes;
 Mas ha na vida em troca
 Momentos de tão placida ventura!
 Prazer não ha no mundo
 Pela voz do desgosto não turbado,
 Nem mar de lisa face
 Onde fera tormenta não rugisse!

Illusões inda me restam, tenho-as inda;
E tantas, tão profundas,
Dentro d'alma arreigadas! Da desgraça
O tufão furibundo
No peito desfolhar inda não pôde
Essas crenças formosas,
Que a existencia me doiram n'este abysmo!

Do caçador ás redes escapando
Mais vivo, mais alegre
Descanta o rouxinol; mais venturoso
Batendo as curtas azas
Se mergulha dos ceos na immensidade!

Morrer! oh! não! tranquilla eu adormeço
E socegada acordo,
Sem que o remorso perturbar-me venha
Meu placido repouso!
Ao despertar, os lábios me percorre
Doce e meigo sorriso,
Com que as dôres mitigo dos infelizes
A quem crueza humana
N'est'horrida mansão rojou p'ra sempre!

Joven, caminho; e na espinhosa estrada
Da vida ainda apenas
Transpuz um escolho só! De largo ó morte!
Perturbar-me não venhas
Meu repouso. Qual flor em primavera
Perfumes rescendendo,
Eu quero ao fim chegar do meu outono!
Qual o astro do dia,
Que do anno as estações percorre todas,
Eu tambem, pobre escrava,
Da vida o anno terminar desejo!
Em minh'aste, brilhante,
Bella, qual nos jardins linda açucena,
Da aurora os rubros fogos
Apenas visto hei só! De largo ó morte!
Como as flores dos prados
Que aguardam tristes o expirar do dia,
Eu, pobre, tambem quero,
Aguardar do meu dia o triste occaso!

Ó morte, afasta-te! e aquelles tristes,
Que n'afflicção s'estorcem,
A quem vergonha e desespero ralam
A devorar tu vó!
P'ra mim ainda Pallás tem asylos
Amenos e florentes;
Amores, beijos, doces harmonias!
P'ra mim, ainda a vida
Me pode, bem feliz, correr ditosa
Livre d'estas algemas...
De longe, ó morte! vae saciar em outros
Teus famintos desejos;
Que eu em Deus e no ceo a esperança fito.
Morrer não quero ainda!

H. VAN-DEITERS.

Miscelanea.

Não julgamos necessario esclarecer o leitor sobre as personagens de quem são os autographos seguintes, por serem bem conhecidas.

J. B. Paquetin Molerey.

H. van Deiters.

Volouref.

A seguinte curiosa noticia é extrahida d'um jornal inglês:

O exercito russo em 1850 era assim composto.

	infant. ^a	caval. ^a	art. ^a	n.º de batlhões
1 Corpo	40:000	12:000	3:000	116
2 » granad. ^{os}	42:000	5:800	3:000	112
6 » linha	300:000	34:800	18:000	672
1 » reserva	35:000	3:000		96

Prefaz. 382:000 87:600 27:000 996

Corpo da fronteira, 48 batalhões de 1000 homens cada um.

Exercito do Caucaso, 3 divisões.
Uma brigada de granadeiros de reserva, 50 batalhões (50:000 homens) e 15 baterias adaptadas ao serviço de montanha.

A cavallaria d'este corpo, á excepção do n.º 9, dragões (22:000 homens) compõe-se de 70:000 cossacos.

Não se contam n'este numeroso exercito praças de guarnição, reserva, nem forças irregulares.

Apparelho para a fabricação do gaz economico

Consiste em uma fornalha, retorta e vasilha para a purificação, e occupa o pequeno espaço de nove pés quadrados. A principal materia empregada para fazer o gaz são as gorduras despresadas na cosinha. Produz uma luz brilhante e clara, sem ser prejudicial á saude. Por pouco mais ou menos setenta réis, fornece gaz sufficiente para um candeeiro de um só braço por espaço de vinte e quatro horas.

A maior machina de imprimir é a do *New York Sun*, superior á do *Times*; a primeira deita vinte mil exemplares por hora, e a segunda doze mil.

A renda da companhia das Indias no anno de 1849—1850, foi de libras, 20.498.412.

A ambição varia nas differentes edades do homem: na puercia satisfaz-se com maravilhas, e ninharias; na adolescencia quer liberdade, e prazeres; na virilidade busca dignidades, condecorações, e gloria; na senectude aspira a fóros de sciencia, e virtude; e de ordinario contrahe alliança com a avareza.

Desviar o amigo do trilho do vicio é a funcção mais nobre da amizade.

Anecdota.

Qual será a razão, disse certa dama a um pobre parvo, fidalgo escoceoz, porque aquelles vossos compatriotas, que saem da terra natal, geralmente são homens de maiores habilitações do que os que lá ficam?

A razão é que, em todas as communicções para fora do reino, estão peritos afim de interrogarem os viandantes, não permitindo a saída, por honra e brio do paiz, senão aos homens de saber.

Muito bem, retorquiu a senhora, supponho então que v. ex.^a saiu por contrabando.

Duvidando certo cavalheiro da palavra de uma dama, que assegurava não ter mais de trinta e seis annos, certificou-lhe o irmão d'ella ser verdade, pois havia dez annos que repetia o mesmo.

Uma pergunta.

Quaes são as coisas mais insociaveis n'este mundo?

Tendo a administração d'este jornal recebido de alguns professores cartas, em que pedem se suspenda a remessa do mesmo para elles, em consequencia de não estarem em circumstancias de pagar, declaramos que não pedimos o importe da assignatura a nenhum dos professores a quem dirigimos o semanario, por já estar satisfeito pela Sociedade Madrepora, do Rio de Janeiro, que tomou duzentas assignaturas da *Illustração* para serem remetidas a duzentos e vinte professores dos districtos do reino, afim de premiarem o alimno que mais se distinguir nas respectivas escolas, como muito clara e explicitamente se achava exarado na circular que enviamos com o primeiro numero.

Portanto esta administração continuará a remetter os jornaes para os professores escolhidos, declarando aqui que lhes não faz nenhum favor, porque cumpre o que ajustou; mas sente que uma circular impressa não fosse entendida por alguns dos mesmos professores.

Continua a relação dos professores a quem é remetida a *Illustração*, e a quem pedimos o favor de nol-a accusar recebida.

DISTRICTO DE VIZEU.

Concelho de Penabva do Castello.

Ill.^{mos} Srs.

Sezures — João d'Almeida Diogo.
Dito de Resende.
Aregos — Antonio da Cruz Victorino.
Dito de Satam.
Satam — Francisco de Carvalho.
Dito de Sernancelhe.
Font'arcada — José Joaquim Candido Malquenão.
Dito de Sinfães.
Nespereira — Gonçalo Pires Bandeira e Mello.
Dito de Taboço.
Sendim — Manuel José Soeiro Borges.
Dito de Tarouca.
Lalim — José Antonio Cardoso Machado.
Dito de Tondella.
Lagiosa — Narciso Rodrigues Marques.
Dito de Vizeu.
Ridafeita — Francisco Bento da Costa.
Dito de Vouzella.
Covello — Antonio Cardoso do Amaral.

DISTRICTO DE BRAGA.

Concelho de Braga.

Trandeiras — Manuel José Sequeira.
Santa Eulalia de Crespos — Bento José Alves Pereira da Silva.

Dito de Celorico de Basto.

Britello — Manuel Ferreira Pinto.

Dito de Amares.

Amares — Sebastião José de Moura.

Caldellas — Alexandre Martins de Freitas.

Santa Martha de Bouro — José Fernandes d'Almeida.

Renduffe — Domingos Ribeiro d'Almeida.

Dito de Barcellos.

Farellães — Domingos Vieira Rebello.

Dito de Cabeceiras de Basto.

Refoios de Basto — João Baptista Martins Pereira Camello.

Dito de Esposende.

S. Paio de Fão — Ignacio Gomes Martins.

Continua.

ERRATA.

No n.º 5 d'este semanario na ultima pagina, col. 3.^a verso 34 onde se lê:

— Só o ecco das tormentas
leia-se — Só os eccos das tormentas.

No n.º 7, ultima pagina, col. 1.^a verso 4, onde se lê:

— Sim, chorae-lhe rude morte
leia-se — Sim, chorae-lh'a rude morte.